

VIOÊNCIA E ESPORTE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES VIOLENCE AND SPORTS: SOME CONSIDERATIONS

Gerson Vieira de Paula Junior¹

Lelio Moura Lourenço²

Maria Elisa Caputo Ferreira³

RESUMO

O presente texto apresenta algumas considerações sobre violência e esporte. Oportunidades oferecidas pela prática esportiva, desde que bem conduzidas, podem reduzir a chance de o praticante se envolver em comportamentos agressivos, podendo ela ser utilizada como mais um instrumento para o enfrentamento da violência urbana. No entanto, por uma complexa interação entre diversos fatores sociais, pessoais, situacionais e estruturais, muitos atletas, torcedores e dirigentes acabam se envolvendo em condutas agressivas. Estudos sugerem que a prática de artes marciais/esportes de combate em si não estaria diretamente relacionada à violência, porém essa questão precisa de mais estudos devido à sua complexidade e à heterogeneidade desse contexto.

Palavras-chave: violência, esporte, artes marciais, esportes de combate, artes marciais mistas.

Introdução

Iniciativas que procuram reduzir a violência urbana têm utilizado o esporte em suas atividades, partindo da crença de que ele tem um potencial educativo. No entanto, estando presente em diversos contextos, a violência acaba chegando também a eventos esportivos. O objetivo deste estudo é apresentar algumas considerações sobre violência e esporte, esperando contribuir para a formação e atuação de profissionais ligados ao esporte e para a identificação de questões a serem abordadas em novas pesquisas. Embora reconhecendo que

Recebido para publicação em 11/2012 e aprovado 04/2013.

¹ Psicólogo; Mestrando em Psicologia/Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Professor adjunto/UFJF; Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFJF.

³ Professora adjunta/UFJF; Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFJF.

o entendimento da violência em suas diversas manifestações e contextos exige a consideração da interação entre diversos fatores biológicos, psicológicos e sociais, neste texto nos ocuparemos de fatores que se encontram em um nível de análise mais psicossocial, tendo uma abordagem sociocognitiva como referência.

Iniciaremos este trabalho analisando a utilização do esporte em programas para redução da violência. Em seguida, examinaremos as ocorrências de violência em ambientes esportivos e apontaremos algumas estratégias para reduzi-las. Por fim, nos ocuparemos especificamente com o tema violência e esportes de combate/artes marciais.

Esporte: um instrumento para redução da violência?

O esporte faz parte da rica produção cultural da humanidade. Como fenômeno sociocultural, não se manteve alheio às influências ideológicas, políticas e econômicas das diversas épocas e localidades em que esteve presente. Vários autores têm enfatizado o potencial socializador e educacional das atividades desportivas, embora, por vezes, essa característica, na prática, fique negligenciada ou colocada em segundo plano, em função de interesses econômicos, políticos, ideológicos, entre outros (BENTO, 2004; BORGES, 1999; CAPITANIO, 2003; DI PIERRO; SILVA, 2003; GAYA; TORRES, 2004; KORSAKAS; DE ROSE JR., 2002; MARQUES, 2004; RUBIO, 2002).

Segundo o relatório das Nações Unidas (2003) sobre a utilização do esporte para promoção de uma cultura de paz, diversos programas com esse objetivo estão sendo desenvolvidos e obtendo bons resultados. De acordo com o relatório, devido ao seu caráter lúdico e participativo, o esporte promove a aproximação entre as pessoas e o bem-estar dos praticantes, o que favorece o aprendizado de regras para convivência (“jogo limpo”) e a difusão de informações e campanhas educativas.

De acordo com Weinberg e Gould (2008), pesquisas apoiam a ideia de que aqueles que praticam atividades esportivas organizadas têm chance menor de se envolverem em comportamento delinquente do que os não praticantes, e essa relação negativa é mais acentuada entre aqueles adolescentes que pertencem à camada mais pobre e marginalizada, o que poderia ser entendido a partir da combinação de

algumas hipóteses, como associação diferencial, vínculo social, rotulação e pressão econômica.

A hipótese da associação diferencial propõe que o envolvimento com a atividade esportiva acaba fazendo com que o atleta se relacione com menor frequência e intensidade com pessoas que estão comumente envolvidas em condutas delinquentes. Segundo a explicação do vínculo social, o esporte propiciaria à criança e ao adolescente o estabelecimento de ligações afetivas com pessoas que se tornam modelos de condutas pró-sociais, o que facilitaria o aprendizado de valores importantes (como trabalho em equipe) e favoreceria o sentimento de pertencimento a um grupo importante. Para a explicação da rotulação, sendo o esporte uma atividade muito valorizada em nossa sociedade, aqueles que são rotulados de atletas recebem uma espécie de tratamento especial. Entretanto, aqueles que são rotulados de “marginais” ou “desordeiros” acabam por incorporar uma profecia autorrealizadora de problemas crescentes. Por fim, segundo a hipótese da pressão econômica, muitos adolescentes se tornariam infratores devido a uma grande desigualdade social. Apesar de viverem numa situação de pobreza, eles desejariam possuir o padrão de vida que observam outros desfrutando. Ao se envolverem em atividades esportivas, esses adolescentes conseguiriam *status* e prestígio. Essa conquista reduziria as distorções entre seus sonhos de uma vida melhor e as crenças sobre objetivos alcançáveis.

No entanto, segundo Marques (2004, p. 77):

Nem o desporto, nem a competição que lhe é imanente se constituem em si mesmos como determinantes na perspectiva da educação da criança. O desporto e a competição são apenas instrumentos. São sobretudo os princípios e valores associados à competição, a forma como esta é utilizada e as experiências vividas durante a actividade que conferem, ou não, às práticas desportivas o seu valor educativo. Mas este valor pode, indiscutivelmente, ser associado às actividades competitivas.

Determinados empreendimentos que procuram popularizar a prática esportiva contam com o apoio de empresários, que vinculam a imagem de suas empresas à boa forma (ou boa aparência) das crianças e adolescentes que participam desses projetos. Não queremos dizer com isso que de fato não haja empresários com preocupações sociais, mas muitas dessas ações devem ser encaradas com um olhar crítico,

para que, acreditando que estamos contribuindo para uma sociedade mais justa, não acabemos sutilmente contribuindo com as desigualdades. Cabe assinalar que certos “empresários socialmente responsáveis” geralmente apoiam projetos que têm como foco de atividade sobretudo esporte e educação, porém relutam em vincular seus nomes a iniciativas que buscam solucionar mazelas sociais, como, por exemplo, exploração sexual, reinserção de autores de ato infracional, HIV/AIDS e alcoolismo, já que não são adequadas à imagem que querem associar à sua marca (DI PIERRO; SILVA, 2003).

A atuação profissional destituída de uma reflexão crítica pode transformar a iniciação esportiva em uma tarefa árdua para a criança, que pode se encontrar sob exigências que não condizem com suas necessidades e características. Essa atuação, cujo principal objetivo é *status* (do técnico, do clube ou da escola) e ganhos econômicos, poderia favorecer o aparecimento de condutas agressivas.

Esse cenário é concretizado através da pedagogia do rendimento (KORSAKAS; DE ROSE JR., 2002). Esses autores observavam que cenas como pais xingando árbitros, técnicos repreendendo atletas por terem errado um movimento, torcida enfurecida gritando frases negativas e uma exagerada e exclusiva preocupação com vitória são comuns na prática esportiva de crianças, tanto em clubes quanto em escolas.

Construídas a partir dessa perspectiva, as iniciativas acabam refletindo um modelo excludente que visa fundamentalmente ao lucro econômico, o qual deve ser conquistado a qualquer custo (postura, aliás, que se encaixa bem com elementos desportivos, como competitividade e supremacia). O projeto social acaba, então, se transformando em descobridor de talento esportivo (o que exclui a maioria) ou em uma medida paliativa que divulga uma boa imagem de políticos e marcas empresariais e exime o Estado de suas obrigações. “O esporte deve ser levado em conta como fenômeno da sociedade atual e ser analisado com profundidade para que verdadeiramente eduque e não prejudique a formação de crianças e adolescentes com a reprodução do modelo segregador vigente” (DI PIERRO; SILVA, 2003, p. 147).

Com o objetivo de utilizar o esporte como um instrumento de educação, Korsakas e De Rose Jr. (2002) enfatizam a importância de uma prática pautada pela “pedagogia da autonomia”, em oposição à

“pedagogia do rendimento”. De acordo com esses autores, em vez de ter o rendimento como única referência, a atuação do profissional deve respeitar as necessidades e características dos participantes, buscar o seu desenvolvimento global e educá-los para regularem seus interesses e serem autodeterminados, e o esporte deveria estimular a participação e ajudar a formar indivíduos autônomos e responsáveis socialmente, objetivando a preparação de cidadãos e a construção de uma cultura de paz.

Não estamos condenando a competição esportiva. Não seria a simples participação em um jogo competitivo que levaria a criança a ser agressiva ou se tornar um adulto agressivo. A competição esportiva é parte de uma série de outras relações que integram o conjunto de influências com as quais a criança e o adolescente irão interagir. Mas é preciso aprender a competir de forma ética e saudável, sem extremada ênfase na vitória a qualquer custo e sem perder o prazer da ludicidade.

Pode-se perceber que o esporte não é nenhuma milagrosa salvação e sua utilização não deve ser proposta ingenuamente como a grande solução para o problema da violência urbana. Contudo, dependendo do uso que se fizer dele, poderá trazer importante contribuição para a redução da violência urbana. Nesse sentido, para Monteiro (2009, p. 182), “se o esporte for pensado em conjunto com outros “jogadores” – como a escola, a família, as associações vicinais, a política, a sociedade civil – onde todos atuam como uma equipe, há chances reais [. . .] de que ele possa servir como mais um jogador na prevenção da violência”. No entanto, ele também pode ser utilizado de forma excludente e muitas vezes servir a interesses econômicos de capitalistas e para isentar o Estado de ações realmente mais efetivas na promoção da qualidade de vida das pessoas.

Com o intuito de tornar o esporte mais interessante e dentro das possibilidades de crianças e adolescentes, Lee e Smith (1993 apud MARQUES, 2004) apresentam seis princípios desenvolvidos por autoridades esportivas australianas: enfatizar o divertimento, a participação, o sucesso e a autoestima; entender o esporte como sendo um instrumento para cultivar cooperação e trabalho de equipe; avaliar a partir da aquisição e desenvolvimento dos fundamentos técnicos do esporte; entender que as crianças se desenvolvem de forma diferenciada; modificar o esporte para atender às limitações fisiológicas

e psicomotoras das crianças; e os objetivos das competições não devem ser tão orientados para os resultados.

Violência em Ambientes Esportivos

Presente em diversos contextos, a violência também marca ponto nos eventos esportivos. O comportamento agressivo acaba sendo emitido pelos vários participantes do evento: atletas, dirigentes, árbitros, torcedores. Ficou mundialmente conhecido o caso do lutador de boxe Mike Tyson, que em plena competição mordeu a orelha de seu adversário. Brigas entre torcedores têm sido preocupantes em partidas de futebol. Certos técnicos têm se comportado de maneira agressiva, emitindo xingamentos a jogadores e repórteres. Mesmo em competições infantis, é comum treinadores e pais manifestarem tais descontroles.

O comportamento agressivo é complexo e multifatorial. Segundo Samulski (2009), fatores estruturais (como as regras), situacionais (como a quantidade de torcedores) e as disposições individuais (por exemplo, nível de agressividade) exercem influência decisiva no surgimento de comportamentos agressivos no esporte. Além de envolver ataques físicos, a agressão também pode ser simbólica (ou psicológica), como, por exemplo, calúnia, insultos, prejudicar relacionamentos e reputação, provocando prejuízos relacionais e emocionais. Weinberg e Gould (2008) exemplificam a violência psicológica da seguinte forma: sabendo que determinado atleta é sensível em relação à sua capacidade de acertar arremessos sob pressão, um companheiro de equipe, querendo prejudicá-lo, lhe diz que o técnico irá substituí-lo se não começar a arremessar melhor, sendo que o técnico não disse isso.

É importante distinguir entre comportamento agressivo (que envolve a intenção de provocar danos ou sofrimento) e comportamento assertivo, algo aceitável e necessário no esporte e também em outras situações da vida em geral. Atletas que se esforçam para buscar uma bola quase perdida no voleibol, disputar uma bola no rebote em um jogo de basquete ou subir à rede no tênis não estão sendo agressivos, mas assertivos, ou seja, competindo dentro das regras, com grande intensidade e emoção, sem a intenção de provocar danos (WEINBERG; GOULD, 2008).

O fenômeno esportivo é permeado por interesses mercadológicos e econômicos. Esses interesses acabam por exercer uma excessiva pressão por resultado, exaltando os ânimos, acirrando as rivalidades e transformando a competição numa disputa de mercado. Isso pode acabar levando os envolvidos a recorrer a ações extremadas ou a jogadas sujas para se manter no “mercado”.

A mídia também pode ter a sua parcela de influência. Muitas vezes, a maneira de anunciar as competições e despertar as expectativas dos torcedores pode incitar um clima de rivalidade além do necessário e incompatível com a situação. Afinal, não é uma guerra, é apenas um jogo. O grande destaque dado a alguns atos agressivos acaba por modelar esses comportamentos em outros atletas ou torcedores. Além disso, a violência é muitas vezes banalizada e/ou transformada em espetáculo.

Outro aspecto importante a ser considerado é o sistema de crenças das pessoas.

Fundamentalmente, as crenças, quaisquer que sejam (convicções, dogmas, ideologias, opiniões, conjeturas, princípios, leis e hipóteses) são assertivas a respeito de uma relação entre dois objetos (concretos ou abstratos), ou entre um objeto e algum possível atributo deste, aceitas ao menos por uma pessoa (KRÜGER, 2006, p. 40).

Por exemplo, pensamentos do tipo “futebol é coisa para macho” e “homem não pode levar desaforo para casa” predispõem as pessoas a agirem agressivamente. Crenças de que não há problemas em ser mais agressivo no esporte do que em outras situações em geral e de que a agressão melhora o desempenho esportivo estão presentes no contexto esportivo (WEINBERG; GOULD, 2008).

Essas crenças e os próprios atos agressivos vão sendo aprendidos pelos novatos no grupo. Muitas vezes, isso é tão acentuado que acaba se tornando uma norma social e uma identidade daquele grupo. E assim cria-se uma cultura de violência. Alguns esportes, algumas torcidas organizadas de futebol e alguns grupos de lutadores são conhecidos pelo alto grau de violência. Além de incitarem os novos membros, acabam por atrair aqueles que já têm intenções hostis. Esses comportamentos são reforçados pela conquista dos objetivos e pela punição ineficaz, “vistas grossas” e “panos quentes” por parte de arbitragem, dirigentes, autoridades e responsáveis.

Algumas modalidades esportivas parecem ser mais propícias ou suscetíveis a apresentarem condutas agressivas do que outras e podem se diferir até mesmo pelo tipo de agressão predominante. A cultura de violência nelas presente, como mostrado, a alta rivalidade entre atletas e entre torcedores, quantias financeiras em jogo, popularidade e características inerentes à própria modalidade (regras, tipo de competição etc.) parecem ser fatores importantes para a compreensão dessas diferenças.

Esses pontos que acabaram de ser levantados podem ser citados como algumas das principais influências psicossociais sobre o comportamento agressivo no esporte, pois criam um contexto propício à sua manifestação.

Torcedores e Violência

Os torcedores são atores importantes no espetáculo esportivo. Sua presença enriquece o evento. Na maioria das vezes, seu comportamento é educado e apoiador. Além de contribuir para a motivação e o reconhecimento do atleta, o torcedor também se beneficia dos momentos agradáveis de lazer que encontram nas competições. No entanto, em alguns casos esse cenário é manchado por comportamentos agressivos, e o que parecia ser um belo espetáculo e um momento de diversão se transforma em horríveis cenas de violência.

Alguns fatores ambientais ou relacionados à competição estão associados à violência dos espectadores. Em geral, a violência é mais provável com torcedores jovens, em condições de superlotação e sob efeito do álcool; está associada com rivalidades; e muitas vezes ocorre após atos agressivos em pequena escala ocorridos na competição, como empurrões entre os jogadores ou discussões acaloradas com o árbitro (WEINBERG; GOULD, 2008).

No Brasil, um tópico importante a ser destacado quando se fala sobre condutas agressivas de torcedores de futebol é o fenômeno conhecido como torcidas organizadas. Algumas dessas torcidas vêm sendo responsáveis por transformar alguns jogos de futebol em “verdadeiras praças de guerra”. Suas ações violentas não se restringem ao interior do estádio, mas se alastram pelos quarteirões,

apedrejando ônibus, perseguindo torcedores rivais, muitas vezes utilizando objetos como paus e até mesmo bombas.

Nas décadas de 1960/70, a Inglaterra começou a sofrer as ações praticadas por grupos denominados de “hooligans” (caracterizados por um relacionamento hostil com as pessoas e por se manterem no anonimato e ligados a símbolos fascistas, estabelecendo forte relação com a xenofobia) e, a partir daí, parece que a ocorrência de violência por parte de grupos organizados de torcedores acabou se espalhando por outros países onde o futebol tem grande expressividade; no caso do Brasil, as chamadas torcidas organizadas parecem exercer uma postura política em relação aos clubes (LOURENÇO, 2003).

Segundo Pimenta (2000, p. 126):

Três aspectos se convergem para justificar e explicar a violência entre “torcidas”: a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência social e coletiva; o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil, que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; e o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos.

No que diz respeito à violência entre torcedores de futebol no Brasil, Reis (2005) ressalta o que considera as principais causas: os estádios passaram um longo período sendo identificados como locais onde a violência é permitida, e isso acabou gerando a falsa consciência de que a violência faz parte do espetáculo futebolístico; falta de normativas legais específicas que tratassem do problema; ausência de punição para os agressores; condições precárias de segurança e conforto nos estádios; uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas; e a banalização da violência feita pela mídia televisiva.

Estratégias para Controlar a Violência no Esporte

Em 1996, a International Society of Sport Psychology (ISSP) fez algumas recomendações para a redução da violência no esporte (apud SAMULSKI, 2009; WEINBERG; GOULD, 2008). Entre as propostas estão: assegurar treinamento adequado das equipes, que enfatize o jogo limpo; garantir instalações adequadas aos eventos; proibição do uso de bebidas alcoólicas durante os eventos; a imprensa deve colocar na perspectiva apropriada os incidentes isolados de agressão ocorridos no esporte; a imprensa deve promover campanhas

para reduzir a violência, contando com a participação de dirigentes, árbitros, atletas e torcedores; e os atletas devem participar de programas que os ajudem a reduzir tendências agressivas.

No tocante ao atleta, é importante que um programa que vise melhorar suas habilidades para lidar com frustrações e para resolver conflitos seja integrado ao seu treinamento. Assim, cabe aos treinadores, entre outras medidas: esclarecer o que constitui agressão e o que é comportamento assertivo; explicar por que determinados comportamentos são adequados ou inadequados; ensinar estratégias de resolução não violenta de conflitos; punir imediatamente a agressão; e valorizar a demonstração de jogo limpo (WEINBERG; GOULD, 2008).

Segundo Reis (2006), a prevenção da violência deveria envolver um esforço conjunto dos diversos setores públicos e privados; no que se refere às torcidas organizadas, esse autor propõe as seguintes providências: a) identificação das torcidas em relação à localização da sede, número de sócios, atividades, relação com o clube, forma de organização e maneira como chegam aos estádios; b) impedir que o clube contribua financeiramente com as despesas das torcidas; c) exigir o envio ao Consegue de cadastro atualizado dos sócios; d) escoltar os torcedores da sede até o estádio em dias de jogos e proibir transporte de pessoas acima do permitido e o transporte e consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas; e) separação dos torcedores rivais no estádio; e f) apoiar programas sociais das torcidas organizadas e as campanhas educativas.

Artes Marciais/Esportes de Combate e Violência

O treinamento de técnicas de luta para golpear, derrubar e/ou imobilizar um oponente (artes marciais/esportes de combate) faz parte da produção cultural de vários grupos, servindo como forma de defesa pessoal e/ou como prática esportiva⁴. A prática de modalidades cuja característica distintiva é o treinamento de técnicas de luta estaria de alguma maneira relacionada ou teria algum efeito sobre a violência/agressividade? Embora certos lutadores (e espectadores) se mostrem

⁴ Empreender uma discussão sobre a conceituação e diferenciação ou não entre os termos artes marciais e esportes de combate não é objetivo deste texto. Com esta introdução estamos apenas dando um contorno geral às modalidades que serão aqui analisadas.

valentões, hostis e brigões, esta parece não ser a realidade de muitos (talvez a maioria) dos praticantes de artes marciais/esportes de combate.

Na década de 1990, tiveram grande repercussão midiática casos de violência urbana no Rio de Janeiro envolvendo grupos de jovens lutadores de classe média e/ou alta. Nessa mesma época, iniciava-se a divulgação das competições conhecidas como Vale-Tudo. Desde então, essas competições passaram por mudanças em suas regras e organização e cresceram em popularidade, sendo hoje denominadas Mixed Martial Arts (MMA). Em termos midiáticos, parece haver atualmente por parte dos organizadores e praticantes de MMA um grande esforço para alterar a imagem vinculada à violência dessas competições. O jornalista Felipe Awi (2012, p. 19) sintetiza essa polêmica envolvendo o MMA da seguinte forma:

Para muita gente, até hoje, ele sequer pode ser considerado um esporte. Não deixa de ser natural toda essa aversão a uma atividade na qual sangrar é tão normal quanto suar (alguns atletas chamam o sangue de “suor vermelho”). É inútil negar a violência contida numa luta de MMA. É raríssimo que uma edição do UFC⁵ termine sem que pelo menos um lutador tenha de receber atendimento hospitalar antes de voltar para casa. Embora até hoje só se tenham registrado duas mortes por conta de lesões sofridas durante um combate, a variedade de golpes traumáticos põe em risco, sim, a integridade física dos lutadores. Mas é verdade que o nível de segurança hoje é bastante aceitável – e não para de crescer.

Sobre a rotina e conduta dos lutadores de MMA, Awi (2012, p. 19) comenta o seguinte:

O MMA de hoje não produz meros desportistas, mas superatletas submetidos a uma rotina absurda de treinamento físico. Quase todos – pelo menos os melhores – mantêm uma vida saudável, alimentação regrada, longe do álcool, das drogas e de confusões. Acima de tudo, são lutadores completos, mestres em diversas artes marciais. Foi-se o tempo em que um atleta de vale-tudo era um brigão de rua.

O campo das artes marciais/esportes de combate, porém, é diverso, não se restringindo ao contexto do MMA. Muitas modalidades têm competições cujas características diferem bastante do MMA,

⁵ Principal evento de MMA.

embora sejam também muito competitivas (como jiu-jítsu⁶, taekwondo e karatê-do). Outras modalidades nem têm competições esportivas (como aikido e pa kua).

As lutas orientais se desenvolveram ligadas a práticas medicinais e religiosas e muitas vezes eram treinadas em segredo (REID; CROUCHER, 2004). Karate-do, judô, taekwondo, kung fu⁷, aikido e muay thai são algumas das lutas orientais mais populares, inclusive no Ocidente.

Competições de lutas já faziam parte dos antigos Jogos Olímpicos, e uma das modalidades era uma espécie de “vale-tudo” chamada de pancrácio, na qual era permitido o contato total entre os lutadores, não havia *rounds* e as únicas proibições eram arrancar os olhos, morder e arrancar as virilhas (DIMIC; MILLER, 2011). Atualmente, o boxe e o wrestling/luta olímpica (luta livre e greco-romana) são tipos de lutas ocidentais muito conhecidos mundialmente. A capoeira, aperfeiçoada no Brasil por negros escravizados e praticada ao som de instrumentos musicais de percussão, vem sendo difundida em vários países nos últimos anos.

Entre outras questões, a influência de pressupostos filosóficos, como taoísmo, confucionismo e zen budismo, que preconizam o autoaperfeiçoamento e a harmonia entre as pessoas, fez com que alguns “mestres” orientais dotassem suas artes de objetivos educacionais. Isso pode ser observado no fragmento a seguir, retirado dos escritos de Funakoshi⁸ (1994, p. 110): “Karatê-dô não é somente a aquisição de certas habilidades defensivas, mas também o domínio da arte de ser um membro da sociedade bom e honesto”. Ou seja, as artes marciais passaram a valorizar um conjunto de virtudes e preceitos (BARREIRA; MASSIMI, 2002, 2003) que buscam tornar o artista marcial mais disciplinado e equilibrado, passando a servir a propósitos pacíficos.

Alguns instrutores de artes marciais/esportes de combate acreditam que os pressupostos filosóficos subjacentes a algumas dessas modalidades contribuem para que sua prática não reforce a violência (PAULA JUNIOR et al., 2010). No entanto, parece que esses princípios nem sempre são bem trabalhados nos locais de treino, como mostra o estudo realizado por Silva e Santos (2005), no qual foi aplicado

⁶ Os nomes das artes marciais serão grafados da maneira como comumente são conhecidos.

⁷ Nome que é dado no Ocidente a lutas chinesas.

⁸ Gichin Funakoshi foi um dos mais conhecidos, importantes e influentes “mestres” de karatê. Nasceu em 1868 em Okinawa e faleceu em 1957.

um questionário que objetivou verificar o conhecimento de 40 judocas de diversas graduações sobre a história e os princípios filosóficos do judô e a aplicação destes princípios a situações do cotidiano. Os participantes apresentaram pouco conhecimento sobre as temáticas, e as mudanças de atitudes ocorridas poderiam ser conseguidas pela prática de outro esporte.

De acordo com Woodward (2009), as artes marciais tradicionais (que foram mais estudadas do que as competições de MMA) não promovem a violência e podem ser utilizadas para ajudar jovens que estão em risco para a violência. Entretanto, segundo Lotfian et al. (2011), o efeito das artes marciais no comportamento dos adolescentes, especialmente a agressão, é controverso.

Já em 2000, Silva e Valdés Casal realizaram um estudo no qual foram aplicados questionários de interesse e o Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI⁹) a 18 lutadores (8 de kung fu e 10 de taekwondo) que tinham entre 14 e 43 anos de idade e entre 3 meses e 12 anos de prática. Os resultados mostraram que os sujeitos estavam dentro dos padrões considerados normais nas escalas do STAXI e que, de maneira geral, esses praticantes não procuravam essas artes marciais em busca de violência ou para descarregar sua raiva.

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Hokino e Valdés Casal (2001). Eles aplicaram o STAXI a 38 judocas iniciantes. O teste foi novamente aplicado após três meses de treinamento. Os resultados não diferiram estatisticamente dos níveis considerados normais para o STAXI em nenhuma das duas testagens. Em alguns casos específicos, após os três meses, houve diminuição no estado geral de raiva e na frequência com que o indivíduo expressa sua raiva em relação a outras pessoas ou objetos do meio, bem como aumento do controle da raiva.

⁹ “Este inventário tem como objetivo medir a experiência de raiva de um indivíduo através de oito escalas: estado de raiva (estado emocional momentâneo caracterizado por sentimentos subjetivos relacionados à raiva), traço de raiva (vivenciam frequentemente reações de raiva), temperamento (expressão de reação de raiva sem muita provocação), reação de raiva (sensibilidade a críticas, afrontas e avaliações negativas), raiva para dentro (vivência de sentimentos de raiva que são reprimidos), raiva para fora (vivência de raiva, expressada em comportamentos agressivos), controle de raiva (investimento de energia para o monitoramento e prevenção da experiência e expressão de raiva) e expressão de raiva (experiência de intensos sentimentos de raiva, reprimidos ou expressos)” (SILVA; VALDÉS CASAL, 2000).

No entanto, estudo realizado em Teerã (Irã) com adolescentes entre 11 e 19 anos de idade, do sexo feminino, utilizando a Adolescent Anger Rating Scale¹⁰, encontrou escores totais de raiva maiores no grupo de lutadoras de judô do que nos outros três grupos do estudo (praticantes de karatê, natação e não atletas), sendo, no entanto, estatisticamente significativa apenas a diferença entre o grupo de judocas e o de natação, além de pontuações na subescala de raiva instrumental significativamente maiores no grupo de judô do que no grupo de natação, escores no controle da raiva significativamente mais baixos no grupo de judocas do que no grupo de natação e não encontrou diferença significativa na escala total de raiva nem nas subescalas quando comparadas as caratecas com os grupos de natação e não atletas (LOTFIAN et al., 2011). Em suas considerações, porém, os autores sugerem que o treinamento na vida real de artes marciais não prediz agressividade na juventude.

Pesquisa utilizando os mesmos procedimentos e instrumentos do estudo anterior, também em Teerã, porém com adolescentes do sexo masculino, encontrou escores na escala total significativamente mais altos em judocas do que em caratecas e no grupo de nadadores, pontuações em controle de raiva significativamente menores nos judocas do que nos grupos de natação e karatê, escores significativamente maiores na subescala de raiva reativa no grupo de judô do que no grupo de nadadores e pontuação em raiva total significativamente menor em caratecas do que em não atletas (ZIAEE et al., 2012).

Ambos os estudos supracitados encontraram escores totais de raiva maiores em judocas do que em caratecas. Embora essa diferença não tenha sido estatisticamente significativa entre adolescentes do sexo feminino, os dados encontrados no estudo com adolescentes do sexo masculino apontam para diferenças entre esses dois estilos de artes marciais (ZIAEE et al., 2012). Segundo esses autores, no entanto, fatores sociais e culturais não considerados nesse estudo podem afetar a raiva e a agressividade.

¹⁰ Além do escore de raiva total, a Adolescent Anger Rating Scale (AARS) possui três subescalas: raiva instrumental (emoção negativa que desencadeia uma resposta posterior, planejada, de vingança ou retaliação), raiva reativa (uma resposta imediata com raiva para um evento percebido como ameaçador) e controle da raiva (LOTFIAN et al., 2011).

Por fim, para Silva e Valdés Casal (2000),

[...] a agressividade não está diretamente ligada às artes marciais, como é divulgado. Esta ligação é mediada pelas características pessoais de seus participantes, suas predisposições ou tendências à agressão, pelo tipo de treinamento e treinador de cada técnica e até pelos motivos que levam o indivíduo a buscar um esporte de combate.

Entretanto, o contexto dos esportes de combate/artes marciais é amplo e diversificado, com características bem distintas. Estudos em alguns contextos podem não se generalizar para outros. Além disso, a violência é um fenômeno complexo, devido à sua multifatorialidade. Assim, mais pesquisas devem ser efetuadas, inclusive utilizando diferentes formas de coleta e análise de dados, a fim de podermos compreender melhor a relação entre violência e esportes de combate/artes marciais.

CONCLUSÃO

A prática esportiva tem sido utilizada em projetos sociais como um instrumento para redução da violência urbana. No entanto, é preciso problematizar e refletir sobre a forma como essa prática está sendo conduzida. Entre outras, ela precisa ser condizente com as características e necessidades dos praticantes, utilizar métodos pedagógicos que permitam a aquisição de valores e habilidades sociais e oferecer modelos de comportamentos pró-sociais. Contudo, dada a complexidade da questão da violência urbana, outras medidas devem ser tomadas em conjunto.

A violência em ambientes esportivos deve ser entendida a partir de uma interação multifatorial, destacando-se entre os fatores psicológicos relevantes as crenças das pessoas, a forma como processam a informação social e a maneira aprendida por elas de lidar com conflitos e frustrações. No caso específico de fatores associados à violência por parte de torcedores, destacam-se o abuso de álcool, superlotação dos estádios, rivalidades e ausência de identificação, monitoramento e punição imediata dos agressores.

De maneira geral, parece que artes marciais/esportes de combate em si não estão ligados diretamente à violência, sendo que

dois fatores parecem ser importantes nessa relação: a conduta do instrutor e as intenções dos praticantes dessas modalidades. No entanto, dada a multifatorialidade do fenômeno da violência, a diversidade de modalidades de lutas, com características específicas e significativamente distintas, e as diversas formas e intenções de praticá-las (por exemplo, amadora ou profissional, para competição, lazer ou defesa pessoal), essa temática exige mais pesquisas.

ABSTRACT

VIOLENCE AND SPORTS: SOME CONSIDERATIONS

The current text presents some considerations about violence and sport. Opportunities offered by sports practice, ever since well-conducted, can reduce the chance of the practitioner to engage in aggressive behavior, it may be used as an additional instrument to fight against the urban violence. However, for a complex interaction between several social, personal, situational and structural factors, many athletes, supporters and officials become involved in aggressive behavior. Studies suggest that the practice of martial arts / fighting sports itself would not be directly related with violence, but this issue needs further study due to its complexity and heterogeneity of this context.

Keywords: violence, sport, martial arts, fighting sports, mix martial arts.

REFERÊNCIAS

AWI, F. **Filho teu não foge à luta:** como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BARREIRA, C.R.A.; MASSIMI, M. A moralidade e a atitude mental no karate-do no pensamento de Gichin Funakoshi. **Memorandum**, v. 2, p. 39-54, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/barreira01.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2006.

BARREIRA, C.R.A.; MASSIMI, M. As idéias psicopedagógicas e a espiritualidade no karate-do segundo a obra de Gichin Funakoshi. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 379-388, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a18v16n2.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2006.

BENTO, J. O. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI G. (Org.), **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 21-56.

BORGES, O. A. Jiu jitsu: educação ou adestramento? **Treinamento Desportivo**, v. 4, n. 1, p. 67-71, 1999.

BURNEY, D. M. **Adolescent Anger Rating Scale: professional manual**. Odessa, Fla, USA: Psychological Assessment Resources, 2001.

BURNEY, D. M.; KROMREY, J. Initial development and score validation of the adolescent anger rating scale. **Educational and Psychological Measurement**, v. 61, n. 3, p. 446-460, 2001.

CAPITANIO, A. M. Educação através da prática esportiva: missão impossível? **Lecturas: Educación Física y Deportes**, ano 8, n. 58, mar. 2003. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd58/esport.htm>. Acesso em: 23 mar. 2006.

DIMIC, M.; MILLER, C. **Artes Marciais Mistas: os segredos do MMA**. Tradução de M. Albuquerque. São Paulo: Madras, 2011.

DI PIERRO, C.; SILVA, F. S. Primeiro tempo do terceiro setor. Projeto social. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 139-154.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-dô: o meu modo de vida**. Tradução: E. L. Calloni. São Paulo: Cultrix, 1994.

GAYA, A.; TORRES, L. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 57-74.

HOKINO, M. H.; VALDÉS CASAL, H. M. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Lecturas: Educación Física y**

Deportes, ano 6, n. 31, fev. 2001. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm>. Acesso em: 23 mar. 2006.

KORSAKAS, P.; DE ROSE JR., D. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2002.

KRÜGER, H. **Introdução à psicologia social**. 2. reimp. São Paulo, SP: EPU, 2006.

LOTFIAN, S.; ZIAEE, V.; AMINI, H.; MANSOURNIA, M. A. An analysis of anger in adolescent girls who practice the martial arts. **International Journal of Pediatrics**, v. 2011, article ID 630604. 2011. Disponível em: <<http://www.hindawi.com/journals/ijped/2011/630604>>. Acesso em: 31 out. 2012.

LOURENÇO, L. M. Violência no esporte: algumas perspectivas importantes nas crenças (e credências) sobre o assunto. In: BASTOS, R. L. (Org.). **Psicologia, microrrupturas e subjetividades**. Rio de Janeiro: e-papers, 2003. p. 143-158.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 75-96.

MONTEIRO, R. A. **Prevenção da violência**: o caso de projetos sócio-esportivos nos subúrbios cariocas. 2009. Tese (Doutorado) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NAÇÕES UNIDAS. **Esporte para o desenvolvimento e a paz**: em direção à realização das metas de desenvolvimento do milênio (Relatório da Força Tarefa entre Agências das Nações Unidas sobre o Esporte para o Desenvolvimento e a Paz). 2003. Disponível em: <<http://www.uepg.br/paz/docs/esporte02.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2006.

PAULA JUNIOR, G. V.; LOURENÇO, L. M.; FERREIRA, M. E. C. Um estudo das crenças no que concerne à relação entre artes marciais / esportes de combate e violência. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 18, n. 1, p. 124-134, 2010.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 122-128, abr./jun. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9795.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2006.

REID, H.; CROUCHER, M. **O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais**. Tradução de M. B. Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2004.

REIS, H. H. B. **La relación entre fútbol, violencia y sociedad: un análisis histórico a partir de la teoría del proceso civilizador**. Trabalho apresentado no X Congreso de Historia del Deporte (Actas), Sevilla, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.cafyd.com/HistDeporte/htm/pdf/4-15.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2006.

REIS, H. H. B. **Futebol e violência**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

RUBIO, K. Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, n. 16, v. 2, p. 130-143, jul./dez. 2002.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**: conceitos e novas perspectivas. 2 ed. revisada e ampliada. Barueri, SP: Manole, 2009.

SILVA, D.; SANTOS, S. G. Princípios filosóficos do judô aplicados à prática e ao cotidiano. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, ano 10, n. 86, jul. 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd86/judo.htm>. Acesso em: 23 mar. 2006.

SILVA, E. G.; VALDÉS CASAL, H. M. Manifestação de comportamentos agressivos em praticantes de artes marciais. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, ano 5, n. 25, set. 2000. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd25/artesm.htm>. Acesso em: 23 mar. 2006.

SPIELBERGER, C. D. **Manual do Inventário de Expressão de Raiva como Estado e traço**. Tradução e Adaptação de A. M. B. Biaggio. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica, 1992.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Tradução de C. Monteiro. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WOODWARD, T. W. A review of the effects of martial arts practice on health. **Wisconsin Medical Journal**, v. 108, n. 1, p. 40-43, 2009.

Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19326635>>.
Acesso em: 31 out. 2012.

ZIAEE, V.; LOTFIAN, S.; AMINI, H.; MANSOURNIA, M. A.; MEMARI, A. H. Anger in adolescent boy athletes: a comparison among judo, karate, swimming and non athletes. **Iranian Journal of Pediatrics**, v. 22, n. 1, p. 9-14, mar. 2012. Disponível em: <<http://ijp.tums.ac.ir/index.php/ijp/index>>. Acesso em: 31 out. 2012.

Endereço para correspondência:

R. Antônio Bernardino 46, Centro
CEP 36.160-000 - Guarani-MG
E-mail: gersonvpj@hotmail.com